

Perspectivas do diálogo entre fé e cultura digital

Perspectives on the dialogue between faith and digital culture

Kemuel Lourenço Figueira Andrade¹
Elias Wolff²

Resumo³

O presente relato de pesquisa tem como objeto material o diálogo entre a fé cristã e a cultura midiática digital. Do ponto de vista formal, é realizada uma análise dos desafios pastorais que a cultura midiática digital oferece à fé cristã. Ao final, apresenta-se uma resposta pastoral a questão: a cultura midiática digital ajuda ou dificulta a prática pastoral? Essa proposta nasce pela observação de que a mensagem do Evangelho frente à cultura digital precisa se manter fiel à sua missão de anunciar a boa nova a toda criatura, cumprindo, assim, o mandato missionário de Cristo (Mt 28,16-20). Para tanto, faz-se necessária uma mudança de paradigma e a capacidade de perceber os sinais dos tempos e as oportunidades que as novas tecnologias emprestam à fé cristã, passando de uma visão instrumentalista da mídia para uma atuação pastoral nos meios. A metodologia utilizada teve como base o método ver, julgar e agir, através de revisão bibliográfica e referenciais de autores das áreas da Sociologia, Filosofia, Comunicação e Teologia. Esta proposta científica relaciona fé cristã, práxis pastoral e cultura digital, representando um avanço no entendimento interdisciplinar do tema.

Palavras-chave

Igreja. Práxis pastoral. Cultura digital. Evangelização.

Abstract

This research report focuses on the dialogue between the Christian faith and digital media culture. From a formal point of view, it analyzes the pastoral challenges that digital media culture presents to the Christian faith. Finally, it presents a pastoral response to the question: does digital media culture help or hinder pastoral practice? This proposal arises from the observation that the Gospel message, in the face of digital culture, needs to remain faithful to its mission of proclaiming the good news to all creation, thus fulfilling Christ's missionary mandate (Mt 28,16-20). To this end, a paradigm shift is necessary, along with the ability to perceive the signs of the times and the opportunities that new technologies offer to the Christian faith, moving from an instrumentalist view of media to pastoral action within those media. The methodology used was based on the see, judge, and act method, through bibliographic review and references from authors in the fields of Sociology, Philosophy, Communication, and Theology. This scientific proposal connects Christian faith, pastoral practice, and digital culture, representing an advance in the interdisciplinary understanding of the subject.

Keywords

Church. Pastoral practice. Digital culture. Evangelization.

¹ Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre e bacharel em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Contato: pastorkemuel@gmail.com.

² Doutor e mestre em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana. Mestre em Filosofia pela Pontifícia Università della Santa Croce. Bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Pós-doutorado em Teologia na Lutheran School of Theology at Chicago. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: elias.wolff@pucpr.br.

³ Versão expandida de trabalho apresentado no VI Congresso Internacional de Teologia do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – Espírito, verdade e vida: fronteiras e interfaces da pneumatologia, realizado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná em outubro de 2023.

INTRODUÇÃO

“A Bíblia disponibiliza a todos um conceito de fé cristã a partir da Palavra de Deus” (Andreolla, 2012, p. 49); aqui, apropria-se do contexto neotestamentário, com a observação e recorte na sentença: “a fé é a garantia do que se espera e a prova do que não se vê” (Hb 11,1). “Este versículo não constitui uma definição de fé, mas a descrição do que a fé pode fazer” (Radmacher; Allen; House, 2010, p. 661). Sobre fé, fica claro em Brown (1982, p. 221) que “a ideia é de se firmar sem hesitação na palavra de Deus, a despeito de todas as aparências contrárias”.

Para tanto, o correlacionar a fé cristã e a cultura midiática digital, é preciso observar que:

A fé está sempre comprometida com o ambiente cultural em que é vivenciada. Por esse motivo, a definição da experiência de fé na era digital é bastante difícil, posto que implica em uma análise das transformações antropológicas e sociais que as novas tecnologias vêm provocando. (Andreolla, 2012, p. 56).

Nesse cenário, o dialogar entre ambos consiste em conseguir a maior clareza possível sobre a forma como as pessoas vivem e expressam sua fé hoje, em uma sociedade caracterizada nas virtudes dos rápidos avanços das tecnologias digitais.

Souza (2021, p. 160) aponta “que o consumo tradicional da fé, agora, incorpora uma nova forma social de se alimentar e ser Igreja”, e complementa que esta ruptura tradicional da comunicação da fé, do púlpito para o ouvinte, entra num novo anúncio pedagógico habitual que se desintegra para integrar uma nova Igreja litúrgica a partir da internet.

O cristianismo contemporâneo está dentro e fora das redes midiáticas. Por mídia social, entende-se o meio que se veicula a informação. Por exemplo: rádio, televisão, jornal, computador. Por rede social, entende-se a forma que se interage. Por exemplo: Facebook, Twiter, WhastApp, Instagram, YouTube. As pessoas cristãs estão dentro de uma relação de estruturas de bens e de interesses comuns, formando uma teia social que sob a ótica digital formam um espaço extraterritorial (Souza, 2021, p. 157).

Nesse contexto, a fé está envolvida na cultura midiática digital, totalmente online, que pode ser realizada de forma tradicional ou digital. A forma tradicional de contato com o culto, por exemplo, nasceu de uma relação presencial que envolve os cinco sentidos: tato, olfato, audição, visão e paladar; na cultura digital, a interação de mix audiovisual e seus pontos de contato com a fé, a partir dos meios dos sentidos, por exemplo, visão e audição. Assim, as figuras religiosas interagem com os seus internautas de uma forma muito pessoal, apelando aos laços familiares (Souza, 2021, p. 157).

1 NOVOS CENÁRIOS, NOVAS COMPREENSÕES TAMBÉM

O diálogo de fé e cultura midiática pode ser percebido em função do próprio impacto que a internet provocou ao mundo a partir do século XX. O mundo que estava acostumado a se corresponder com cartas, hoje interage em tempo real através de aplicativos de mensagens instantâneas e redes sociais. Ouvir música, por exemplo, era por meio do rádio, hoje, temos, por

exemplo, o *Spotify*. Antigamente, o álbum de fotografia era guardado em um local físico, hoje, ele pode ser guardado digitalmente na nuvem.

Os computadores influenciam nossas vidas cada vez mais intensamente, estando presentes em todos os lugares. Uma geração atrás, muitas dessas tecnologias não existiam, mas hoje a questão central é como as pessoas se posicionam diante dessa nova realidade (Drăghici, 2023, p. 161). O mundo digital configura-se como uma nova realidade nascida em apenas uma geração, confrontando a sociedade com oportunidades e perigos inéditos. Esse cenário impõe a necessidade de adaptação a mudanças radicais nas formas de comunicação e nos relacionamentos interpessoais, tornando a tecnologia uma parte dominante e inegável da vida cotidiana, impossível de ser ignorada (Drăghici, 2023, p. 163).

O resultado dessa revolução são mudanças de comportamento. Nisso está intrínseca a própria formação/configuração da expressão da fé convencida de que a tecnologia pode ser uma ferramenta muito útil em tempos de colapso social (Souza, 2021, p. 158). É preciso compreender e aceitar que o “atual modelo comunicacional, especialmente com a internet, possibilita maior interatividade, comunicação dialógica não presencial e superação das barreiras de tempo e espaço” (Brustolin, 2016, p. 498).

A revolução comunicativa que a era digital comporta, trouxe impactou sobre a relação do ser humano com a divindade, e na cultura digital, a rede agora permite inéditas e novas formas de expressão da fé. Brustolin (2016, p. 503-504) evidencia três compreensões necessárias neste novo cenário, que são: participação, globalização e secularização.

A *participação* é um aspecto produzido pelas novas mídias. Essa é uma palavra-chave na teoria política moderna, a tal ponto que aquilo que interessa a todos deve ser debatido e decidido por todos. Da mesma forma, quem entra nas redes sociais quer opinar, curtir e compartilhar. A participação é condição necessária para uma vida social mais humana. Nesse sentido, nunca o ser humano e todos os seres humanos puderam participar tanto da vida social quanto da mundial como hoje, graças às novas tecnologias comunicativas. Essa participação entra no universo religioso a tal ponto que existem verdadeiras comunidades religiosas midiáticas, com comunicação entre os pares, com partilha de experiências significativas (Brustolin, 2016, p. 503).

A *globalização* é tida como resultado de diversos processos que se desenvolveram nas últimas décadas, especialmente na economia, na política, na cultura e na comunicação. Com a nova midiática digital, esse processo foi acelerado pelo surgimento de uma rede global de estruturas e processos comunicativos. Na sociedade global, a internet seria como uma nova esfera pública. A globalização da internet modifica o significado de distância geográfica e facilita o acesso a informações e conhecimentos numa velocidade impensável num passado recente (Brustolin, 2016, p. 503).

Secularização: com as novas tecnologias, que ampliaram as possibilidades comunicativas do ser humano moderno, a expressão religiosa também sofreu mudanças e

aumentou sua presença nas redes sociais. Em síntese, a sociedade secularizada é uma definição para designar como crentes e não crentes convivem, atualmente, um ao lado do outro, e como devem entender-se entre si. Afinal, as comunidades religiosas dispõem de recursos comunicativos que a sociedade moderna não pode desprezar, nem manipular ou ignorar. (Brustolin, 2016, p. 504).

Dessa maneira, com Brustolin fica evidente que

os sinais dos tempos da religiosidade digital são marcados por experiências plurais que podem ser valorizadas ou desprezadas. Essa ambivalência depende muito do que o internauta procura na rede. Esta tanto pode potencializar a abertura, solidariedade e encontro entre as pessoas, quanto pode isolar, apequenar e distorcer o sentido do encontro com o sagrado. Ao lado das crenças mais ou menos institucionais que já existem há séculos, ou no caso do cristianismo, há milênios, criam-se outros sistemas que, algumas vezes, têm vida apenas *online* e são reflexos de uma diferenciação do próprio ambiente religioso contemporâneo (Brustolin, 2016, p. 505).

Tal mudança de cenário e a capacidade de compreender os sinais dos tempos e as oportunidades que as novas tecnologias emprestam à fé cristã transforma esse contexto apresentado de uma visão instrumentalista da mídia para uma atuação pastoral nos meios.

2 DESAFIOS PASTORAIS QUE A CULTURA MIDIÁTICA DIGITAL OFERECE À FÉ CRISTÃ

Para tratar dos desafios pastorais nesse contexto, não há como recuar no sentido: Jesus, como modelo. Ele interpreta sua história e missão a partir do âmbito religioso-cultural de seu povo e se compreende a sua obra a partir da terminologia pastoral. Jesus, enquanto pastor, encontra um povo, um rebanho, perdido (Mt 9,36; Mc 6,34), como que “sem pastor”, sem sentido, sem direção. Essa situação move o Cristo a agir com compaixão e o resultado de sua ação é que “as ovelhas desgarradas [retornem] ao pastor e bispo da vossa alma” (1Pd 2,25).

Essa imagem remete ao que a cultura digital oferece a fé cristã hoje. Frente aos desafios pastorais, a exemplo de Jesus, o “bom pastor” (Jo 10,11), quer não apenas utilizar a mídia digital para comunicar a Igreja, mas tem a missão de integrar o Evangelho na nova cultura criada pelas novas tecnologias, influenciando, a partir de dentro, seus padrões e valores. Como maior desafio, é a transmissão da mensagem salvífica do Reino de Deus, e desenvolver obras por meio da cultura digital a manifestação ao mundo da forma como Deus atua na história, com fidelidade ao proposto do amor (Jo 3,16).

Para esse intuito, empresta-se da tese de Andréia Durval Gripp Souza (2022, p. 176-184), a sua sistematização em três elementos para uma pastoral no contexto abordado, que são: presença, conteúdo e atitudes e gestos.

Presença, a pastoral no ambiente digital deve ser profissional, por certo, mas não somente, assim como não se pode contentar em ter uma presença apenas publicitária decorrente

das melhores técnicas de marketing digital. Precisa se ir além. É mais do que ter bonitas artes, postagens com muitos *likes* e compartilhamentos, vídeos com grande engajamento, matérias com muitos acessos. Essas ações são apenas indicadores de marketing digital. Não que seja indispensável boas estratégias de *marketing*. Elas são bem-vindas, desde que não comprometam a mensagem ou crie um dilema ético. A práxis pastoral no mundo digital urge desafiar a “ordem social” do mesmo e não a reforçar pelo uso das mesmas técnicas, sem reflexão ética, transformando o cristianismo numa marionete das grandes empresas de tecnologia. É pontual ter uma presença crítica, responsável e atuante (Souza, 2022, p. 176-177).

Conteúdo é um dos principais desafios de uma pastoral na cultura midiática digital. A prioridade das decisões por intermédio de conteúdo de uma pastoral nesse ambiente precisa ser as pessoas. Três palavras são luzeiros nesse caminho: curar, cuidar e compartilhar. *Curar* é superar a indiferença, o ódio, o conflito, o desconhecimento, o preconceito; *cuidar* é respeitar, estimar, ter solicitude, reconhecer o valor da pessoa humana em si, sem condicionamentos; *compartilhar* é superar o individualismo e a indiferença; é ir ao encontro; é ser Igreja e saída. Compartilhar dores, medos e impossibilidades, mas, também, esperança, convicções, experiências, caminhos e vitórias (Souza, 2022, p. 181).

Atitudes e gestos, a compaixão é a linguagem com que Cristo se comunica com a sociedade de sua época. O primeiro olhar de Jesus nunca é para o pecado, mas para o indivíduo integral. É isso que move a sua ação. Todos os sinais que realiza, ele os faz em resposta ao sofrimento de alguém. Através das curas e milagres, promove a libertação do humano alijado da sociedade por diversas situações (Souza, 2022, p. 182-183).

A pastoral que supera os desafios que a cultura midiática digital coloca à fé cristã é para o mundo um sinal: sinal de salvação em Cristo. Deus convoca um povo para fazer dele um sinal, Deus escolhe um povo não para dar a esse povo privilégios, mas para que através deles, em Cristo, o Reino de Deus se estabeleça no mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação pastoral e teológica inserida na cultura digital permite que a Igreja concretize sua vocação de ser sal da terra e luz do mundo, ocupando efetivamente o novo ambiente moldado pelas tecnologias. Trata-se de uma oportunidade essencial para que a missão evangelizadora se atualize e permaneça fiel ao seu mandato original (Souza, 2022, p. 201).

Nesse contexto, exerce-se um papel profético voltado à promoção da dignidade humana, atuando como voz dos excluídos digitais. O compromisso cristão implica denunciar práticas que contradizem a verdade, a justiça e o bem, fomentando a liberdade e a solidariedade contra as violações presentes na rede (Souza, 2022, p. 201).

A compreensão dos novos cenários, em diálogo com Drăghici (2023) e Brustolin (2016), revela que a era digital impõe a participação e a interatividade como normas sociais irrevogáveis. A globalização e a secularização aceleradas pela rede não são apenas desafios

técnicos, mas transformações culturais profundas que exigem da fé cristã uma leitura atenta dos sinais dos tempos para evitar a irrelevância comunicativa e garantir uma participação social mais humana.

Nesse horizonte, as contribuições de Andreolla (2012) e Souza (2021) indicam que a vivência da fé transborda os limites físicos, configurando uma teia social extraterritorial em que o sagrado precisa ser ressignificado. A Igreja é desafiada a abandonar modelos de comunicação unidirecionais para abraçar uma dinâmica onde a presença digital integra novas formas de ser comunidade, entendendo que o consumo da fé agora passa por novas dinâmicas de pertencimento e identidade.

Por fim, a resposta pastoral proposta por Souza (2022), fundamentada no tripé presença, conteúdo e atitudes, aponta para uma conversão missionária prática. Ao priorizar o *curar, cuidar e compartilhar*, a Igreja supera a visão instrumentalista e assume uma postura ética de encarnação na rede. Assim, cumpre-se a vocação profética de promover a dignidade humana, atuando não apenas como usuária da tecnologia, mas como voz de esperança e solidariedade no ambiente virtual. ✨

REFERÊNCIAS

ANDREOLLA, Jurema. **A fé cristã na era digital: diálogo entre a revelação na teologia de Bruno Forte e a experiência religiosa na internet**. 2012, 103 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

BROWN, Colin. **O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1982.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. O senso religioso na era digital: a nova ambiência da fé. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 14, n. 42, p. 497-517, abr./jun. 2016.

DRĂGHICI, Georgiana. The internet, lifestyle and society. **European Proceedings of Educational Sciences**, 2023.

RADMACHER, Earl D.; ALLEN, Ronald B.; HOUSE, H. Wayne (Eds.). **O novo comentário bíblico Novo Testamento – com recursos adicionais: a Palavra de Deus ao alcance de todos**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

SOUZA, Andréia Durval Gripp. **Infopastoral: diálogo entre fé e cultura digital**. Uma análise a partir de documentos do Magistério da Igreja. 2022, 229 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Centro de Teologia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

SOUZA, Pablo Rangel Cardoso da Costa. O espelho dos novos tempos: a relação entre a Igreja e a internet em tempo de pandemia. **Annals FAJE**, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 156-164, 2021. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/annales/article/view/4830/4670>. Acesso em: 11 maio 2024.

Recebido em: 09/09/2025.

Aceito em: 12/12/2025.